



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia simultânea de inaugurações, ordens de início e licitações de rodovias do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) no estado de Minas Gerais**

**Uberlândia-MG, 14 de junho de 2010**

Bem, primeiro dizer uma coisa. Quando a maré está boa, tem um momento na vida da gente em que a gente diz o seguinte: em casa que não tem pão todo mundo briga e ninguém tem razão. Eu estou aqui, em Minas Gerais, entregando uma quantidade de obras e recebo um bilhetinho, assim, dizendo: “Presidente, com mais 33 quilômetros de rodovia, o senhor duplica da divisa de Minas com Goiás até a cidade de Catalão. Velomar, prefeito de Catalão”, que veio aqui, a Minas Gerais, pegar uma boquinha. Mas, de qualquer forma, ô Dulci, pega isso aqui para a gente estudar o pedido do Prefeito de Catalão.

Bem, eu quero, primeiro, cumprimentar o companheiro Marcio Fortes, ministro das Cidades, e o companheiro Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República.

Quero cumprimentar o ex-ministro, companheiro e senador Hélio Costa,  
Quero cumprimentar os deputados federais – que tanto nos ajudam em Brasília – Elismar Prado e Gilmar Machado,

Quero cumprimentar o prefeito de Uberlândia, Odelmo Leão, na pessoa de quem cumprimento os prefeitos aqui presentes,

Quero cumprimentar o companheiro Hideraldo Caron, diretor de Infraestrutura Rodoviária do Dnit,

Quero cumprimentar o Darci Miranda, nosso querido Timbó, na pessoa de quem cumprimento todos os trabalhadores das obras rodoviárias do PAC em Minas Gerais,



Quero também cumprimentar o nosso querido ministro Paulo Sérgio Passos, que está na região de Patos de Minas,

Quero cumprimentar a senhora Maria Beatriz Savassi, prefeita de Patos,

Quero cumprimentar o companheiro Alexandre Padilha, ministro-chefe da Secretaria de Relações Institucionais, que está na cidade de Guaxupé, falando para toda a região.

Também cumprimentar o Roberto Vieira, prefeito de Guaxupé,

Quero cumprimentar também os companheiros que estão em Curvelo, fazendo uma visita e entrega de obra na região de Curvelo,

O nosso companheiro Luiz Antonio Pagot, diretor-Presidente do Dnit,

E o nosso companheiro José Maria Penna Silva, prefeito de Curvelo,

Quero também cumprimentar os deputados que estão lá com os nossos Ministros,

E quero dizer também que, além dessas obras todas, já foi feito vestibular para os estudantes... Vai fazer o vestibular para que o pessoal comece, no ano que vem, com as duas extensões universitárias em Monte Carmelo e Patos de Minas.

Bem, o fato de falar por último é bom quando tem dois oradores. Mas, depois de você ouvir quatro prefeitos, ouvir dois ministros, o Presidente do Dnit, ouvir o Hideraldo, falando das mesmas obras, eu só tenho um número que eu quero que vocês registrem.

O nosso companheiro Hideraldo disse que, quando nós assumimos o governo, nós tínhamos apenas R\$ 1 bilhão para fazer obras em todo o território nacional – R\$ 1 bilhão para 8,5 bilhões de quilômetros quadrados. Hoje nós estamos anunciando [R\$] 2 bilhões e 700 milhões apenas para uma parte do território do estado de Minas Gerais, uma pequena parte.

Eu penso, companheiros prefeitos e companheiros que vieram a esta solenidade, que está ficando cada vez mais visível que as coisas no Brasil



estão mudando. Nós saímos de uma fase de encruamento, uma fase em que a gente praticamente não podia fazer absolutamente nada, porque não tinha dinheiro para fazer nada. Uma fase que tinha sido paralisada, em 1979, com o fim do governo Geisel. O Geisel foi o último Presidente da República, de [19]75 a [19]79, que fez investimentos em obras de infraestrutura. Setenta e cinco a [19]79 ou é [19]75 a [19]80? A [19]80. O último presidente que investiu em infraestrutura e, naquela época, o dólar estava muito barato, se tomou muito dinheiro emprestado, então, o Geisel fez grandes programas de investimento. Um deles, para a gente não esquecer, é o Proálcool, o Proálcool que começou exatamente nessa época de [19]75.

Pois bem, só que dinheiro emprestado, quando você toma, você tem que pagar. Se você não controla a taxa de juros, você fica a mercê de quem controla. E o que aconteceu com a nossa dívida externa? A gente tinha contraído uma dívida muito grande, tínhamos feito muitas obras, mas o dólar, que é a moeda americana, para resolver um problema de déficit fiscal americano, o que eles fizeram? Nós tínhamos tomado o dólar emprestado a 3% ao ano e esse dólar passou, foi para 21% de juros ao ano, e ficou praticamente impagável. A minha geração política, a do Zaire Rezende, passou metade da nossa vida gritando, nas faixas nas ruas: “Fora FMI. Fora FMI”, porque a gente não podia pagar a dívida do FMI.

Eu falo sem maldade, porque eu acredito que todos os presidentes queriam fazer muitas obras. Eu acho que todo presidente gostaria de fazer grandes obras. Mas a verdade é que todos eles que vieram antes de mim, depois do presidente Geisel, que tinha endividado o país... nem o Figueiredo, nem o presidente Sarney, nem o Fernando Henrique Cardoso, nem o Itamar, nem o Collor conseguiram fazer grandes obras, porque o Estado estava quebrado e a gente vivia por conta de pagar a nossa dívida ao FMI.

Eu vou dar um dado para vocês: a Ferrovia Norte-Sul começou em 1987 – eu era deputado constituinte quando o presidente Sarney anunciou a Ferrovia



Norte-Sul –, passou todo o governo Sarney, passou todo o governo Collor, passou o governo Itamar, passou todo o governo Fernando Henrique Cardoso, em 17 anos eles fizeram 215 quilômetros daquela ferrovia. Nós, em oito anos, vamos fazer 1.500 quilômetros daquela Ferrovia Norte-Sul. Vamos anunciar, no PAC 2, o projeto ligando Anápolis até Estrela d'Oeste, em São Paulo, para a pessoa, Hélio, sair do Porto de Itaqui, no Maranhão, chegar ao Porto de Santos de trem. Nós vamos construir como se fosse uma espécie de espinha de peixe, com rodovias, ferrovias e hidrovias transversais, para que a gente possa fazer com que o Brasil tenha um sistema intermodal de transporte que coloque o Brasil de forma mais competitiva no mundo.

A segunda coisa importante, companheiros, é que o país também não tinha crédito, o país também não tinha crédito. Só para vocês terem noção de como era difícil a questão do crédito, o Brasil inteiro, para cuidar de 190 milhões de brasileiros que precisavam de crédito, o Brasil só tinha R\$ 380 bilhões de crédito, ou seja, era um país que não tinha muito dinheiro em circulação para emprestar para as pessoas. Nós saímos de R\$ 380 bilhões de crédito para R\$ 1,5 trilhão de crédito neste ano, ou seja, saímos de 20% de crédito para 45% de crédito do PIB brasileiro.

Eu vou dar um outro exemplo muito prático: o Banco do Nordeste. O Banco do Nordeste, em 2002, só tinha emprestado R\$ 262 milhões e teve uma inadimplência de 37%. Eu fui agora lá: no ano passado, ele, que tinha emprestado apenas R\$ 262 milhões, emprestou R\$ 22 bilhões e a inadimplência caiu para 3,3%, em uma demonstração de que na hora em que você empresta para mais gente as pessoas pagam.

Eu vou dar um outro exemplo: nós emprestamos R\$ 1,3 bilhão para 1 milhão de pessoas, para pequeno produtor. E sabe o que aconteceu? A inadimplência é quase zero, porque pobre só tem como patrimônio a cara dele e o nome, e o pobre gosta de pagar.

Bem, aqui nós estamos falando de construção civil. A Caixa Econômica,



em 2002, a Caixa Econômica emprestou, para financiar casa, apenas R\$ 5 bilhões. No ano passado, ela emprestou R\$ 47 bilhões e este ano vai emprestar R\$ 55 bilhões.

Eu poderia, eu poderia, Odelmo, avocar você, e qualquer prefeito, de qualquer partido político, e eu tenho certeza que os prefeitos que governaram as suas cidades antes de eu chegar à Presidência da República comeram o pão que o diabo amassou. Eu tenho a certeza de que os prefeitos sofreram muito. O Zaire está aqui, o Zaire participava de uma Marcha de Prefeitos para ir para Brasília. Em vez de o Presidente recebê-los era a polícia e cão pastor alemão que recebiam os prefeitos. Ninguém gostava de receber prefeito. Por que não gostavam de receber prefeito? Porque o prefeito ia lá reivindicar. E para que eu vou atender prefeito, então?

O que eu fiz? Vou terminar o meu mandato, e eu participei, com exceção de 2006, eu participei de todas as Marchas dos Prefeitos feitas neste país. Eu e todo o meu governo. A gente ia lá, em 19 ou 20 ministros, ouvia os prefeitos, atendia parte daquilo que a gente podia atender, aquilo que não podia atender nós falávamos que não dava para atender, mas nós criamos uma relação civilizada. Eu nunca perguntei para o prefeito de qualquer cidade de que partido que ele era. Não me interessa saber, o que me interessa é saber que ele é o prefeito e é representante do povo porque foi eleito.

Então, este país, este país mudou, e mudou, e não vai parar de mudar. Vocês estão lembrados que, em 2003, eu disse no meu discurso de posse: “Eu, primeiro, vou fazer apenas o necessário. Depois, eu vou fazer o possível. E quando a gente menos imaginar, nós estaremos fazendo o impossível”. Vocês vejam que várias obras que foram inauguradas hoje, que várias obras em que foram dadas ordens de serviço, os prefeitos das cidades que falaram é que falaram: “Eu não acreditava que fosse possível acontecer essa obra”.

Vejam, aconteceu tanta coisa neste país que eu, com apenas oito anos de mandato, já sou o presidente da República que mais fez universidades no



Brasil e que mais fez escolas técnicas neste país. Então, é uma coisa, é uma coisa que me orgulha. Além da criação do ProUni, que já colocou 706 [mil] jovens na universidade, 706 mil jovens da periferia. Este ano, eu vou entregar os primeiros 540 diplomas de medicina para alunos pobres da periferia que chegaram à universidade neste país. Nós, em oito anos, Zaire, em oito anos, nós fizemos uma vez e meia [a quantidade] de escolas técnicas, de tudo o que foi feito no Brasil em 93 anos.

Portanto, eu acho que o Brasil se encontrou consigo mesmo. Hoje, nós gostamos mais de ser brasileiros, nós não nos achamos mais inferiores a ninguém, nós achamos que somos todos iguais, não tem essa de porque ser americano e europeu é melhor do que nós. Não tem ninguém melhor, pode ter igual. Nós gostamos de nós como nós somos, com os nossos defeitos, com as nossas virtudes, e podem ficar certos de que daqui a seis ou sete anos o Brasil será a quinta economia do mundo. Quando se pensar em produzir alimento para sustentar os pobres que estão comendo, chineses, indianos e africanos, não tem país do mundo que tem a quantidade de terra agricultável que tem o Brasil; não tem país do mundo que tenha o controle da tecnologia da agricultura tropical que tem o Brasil, através da Embrapa; não tem país do mundo que tenha a combinação de sol e chuva promovendo a fotossíntese que a agricultura precisa para sobreviver.

Portanto, é com muito orgulho, Prefeito, é com muito orgulho, Senador, é com muito orgulho, companheiros, que eu estou em Uberlândia, nesta cidade maravilhosa, nesta cidade extraordinária. Acho que eu não preciso dizer para vocês a importância do Sul de Minas, eu não preciso dizer para vocês a importância do Triângulo Mineiro, eu não sou obrigado a repetir para vocês o que essa região importa economicamente e culturalmente para o nosso país. Portanto, tudo o que nós estamos fazendo, tudo o que foi anunciado pelos ministros não é nenhum favor do governo federal a Uberlândia, é que Uberlândia merece, porque o povo daqui trabalha, paga imposto e nós temos



que devolver o imposto em forma de benefícios.

Quero, então, agradecer a vocês. Espero que todos vocês estejam muito otimistas com a possibilidade de o Brasil, amanhã, ganhar da Coreia – ganhar e ganhar bem, ganhar e ganhar bem – e que a gente possa estar, no dia 11 de julho, lá na África do Sul, para trazer mais um caneco para o nosso time.

Gente, eu não posso falar de campanha, eu não posso falar de candidato. Eu só quero dizer para vocês: um grande abraço, que Deus abençoe todos vocês.

(\$211A)